

## **ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: UTILIZAÇÃO DOS METODOS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DOS ALUNOS NOS ANOS INICIAIS**

Valéria Ferreira e Silva<sup>1</sup>

Érica Deyse dos Santos Coelho<sup>2</sup>

**Resumo:** Alfabetização e letramento vão muito além de ler e escrever. Como afirma Magda Soares (2003): “Letrar é mais que alfabetizar, é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto onde a escrita e a leitura tenham sentido [...]”. Assim, o processo de alfabetização reque um significado para o aluno. De acordo Brasil (2019, p.89-90) [...] é preciso que os estudantes conheçam o alfabeto e a mecânica da escrita/leitura [...] consiga “codificar e decodificar” os sons da língua [...], desenvolvimento de uma consciência fonológica [...]. O presente trabalho tem como objetivo o processo histórico de alfabetização no Brasil, bem como as abordagens e a utilização nas práticas pedagógicas. Utilizamos uma abordagem qualitativa, com estudo de documentação indireta, com pesquisa bibliográfica embasada nos estudos de Jean Piaget, Emília Ferreiro e Ana Teberosky, Magda Soares, Carla Aparecida Cielo, Parâmetro Curricular Nacional da Língua Portuguesa, a Base Nacional Comum Curricular e a Lei de Diretrizes e Bases. A construção do conhecimento através da interação com o meio. Aquisição da Leitura e da Escrita através da Psicogênese se dá através da compreensão hipóteses. A importância da consciência fonológica como capacidade de articulação entre os sistemas sonoros da língua falada. O presente trabalho mostrou que diante de todo o contexto histórico o Brasil sempre buscou um método e que cada método atingiu a demanda social da época. Porém, foi percebido que não há um método a ser seguido, e sim vários, de acordo com a situação de cada ambiente alfabetizador.

**Palavras-chave:** Alfabetização. Ensino Fundamental. Historicidade.

**Abstract:** Literacy and literacy go far beyond reading and writing. As Magda Soares (2003) states: “Literacy is more than literacy, it is teaching to read and write within a context in which writing and reading make sense [...]”. Thus, the literacy process requires meaning for the student. According to Brasil (2019, p.89-90), it is [...] necessary that students know the alphabet and the mechanics of writing / reading [...] in order to "encode and decode" the sounds of the language [...] development of phonological awareness [...]. The present work aims at the historical literacy process in Brazil, as well as the approaches and the use in pedagogical practices. We use a qualitative approach, with study of indirect documentation, with bibliographic research based on the studies of Jean Piaget, Emília Ferreiro and Ana Teberosky, Magda Soares, Carla Aparecida Cielo, National Curriculum Parameter for the Portuguese Language, Common National Curriculum Base and the Law of Guidelines and Common Curricular Bases. The construction of knowledge through interaction with the environment. The acquisition of Reading and Writing through Psychogenesis occurs through the understanding of hypotheses. The importance of phonological awareness as a capacity for articulation between the spoken language sound systems. The present work showed that, in view of the entire historical context, Brazil has always sought a method and that each method met the social demand of the time. However, it was noticed that there is not one method to be followed, but several, according to the situation of each literacy environment.

**Keywords:** Literacy. Elementary School. Historicity.

<sup>1</sup>Acadêmica do Curso de Pedagogia. E-mail: valeriasf.m.r@gmail.com

<sup>2</sup>Acadêmica do Curso de Pedagogia. E-mail: deyse9511@gmail.com

## **1. INTRODUÇÃO**

De modo quando falamos no processo de alfabetização surgiram alguns questionamentos: Como surgiu essa forma de alfabetização? Será se a teoria do construtivismo realmente e compreendida pelas profissionais da educação? Quais são os métodos utilizados para se alfabetizar?

O presente trabalho vem discutir acerca dos questionamentos acima citados tem como objetivo compreender o processo histórico da alfabetização no Brasil; analisar como ocorre o processo da aprendizagem através do construtivismo; discutir acerca dos métodos para alfabetização; como se dá a construção da consciência fonológica.

Tendo como referencial teórico a pesquisa bibliográfica, Jean Piaget que aborda o Construtivismo, Emília Ferreiro e Ana Teberosky discutem sobre a Psicogênese da Língua Escrita e Magda Soares pautada na Alfabetização a questão dos métodos, Carla Aparecida Cielo sobre a consciência fonológica e sua relação com a alfabetização, os quais contribuem para avanços no campo da educação e o Parâmetro Curricular Nacional (PCN) da Língua Portuguesa, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), que são os que norteiam a educação brasileira.

## **2.FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1. Contexto Histórico da Alfabetização**

Para se falar em educação, primeiramente, precisamos ver todo o contexto histórico que nela se têm. Podemos compreender que a educação passa por transformações sociais, culturais, políticas e econômicas da sua época. A história da alfabetização não poderia ser diferente, ela passa por quatro grandes fases cruciais.

Segundo Araújo (1996): no primeiro momento da alfabetização inclui-se a antiguidade e a idade média, onde se predomina o método de soletração. O segundo método se deu entre os séculos XVI e XVIII e teve continuidade até a década de 1960, representando assim o surgimento de novos métodos sendo eles os analíticos e sintéticos. A terceira fase foi marcada pelo questionamento da associação dos sinais gráficos e os sons das palavras para a leitura e a propagação da psicogênese da escrita. E o quarto método vem representar uma inovação no modo de educar, levando em conta a sociolinguística e a psicolinguística que cujo o objetivo é alfabetização e letramento.

Segundo Magda Soares (2003): “Letrar é mais que alfabetizar, é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto onde a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da vida do aluno.” Diante disso, não se pode mais fazer uma criança simplesmente aprender a ler e escrever com o intuito de meramente codificar e decodificar a palavra, ela tem que utilizar todo esse contexto da leitura levando em conta a ação de alfabetizar letrando. O que até o presente momento na alfabetização era tido como o ato de ler e escrever de forma mecanizada, agora passa a ter um novo foco.

## **2.2. Contexto Histórico da Alfabetização no Brasil**

Antes do século XX os estudos relacionados à alfabetização no Brasil eram discretos e praticamente baseados nos métodos e cartilhas para as técnicas do ato de alfabetizar. O contexto social da época não tinha o conhecimento do ler e escrever como imprescindível, poucas pessoas tinham acesso à educação, pois não era algo determinante para seu convívio social. A educação era algo distante para a maioria da população brasileira. No século XIX deu-se início a um processo de implementação do Sistema Brasileiro de Ensino, (MORTATTI,2006).

Após o início da implementação desse sistema, ocorreram grandes mudanças no âmbito da alfabetização, conseqüentemente um olhar voltado para as concepções pedagógicas dos professores, tendo nesse momento a influência da psicologia, e assim, um olhar direcionado para aprendizagem e as metodologias aplicadas, visando avanços no ato da aquisição da leitura e da escrita. Como Mortatti (2011, p. 44) afirma: “Empreendida por educadores, essa discussão prioriza as questões didáticas, ou seja, o como ensinar, com base na definição das habilidades visuais, auditivas e motoras do aprendiz”. Nessa época ouvi uma disputa entre os defensores do novo método analíticos e os que insistiam em trabalhar os métodos sintéticos, principalmente a silabação.

Sendo assim, para Mortatti (2006), O Brasil passou por várias etapas na busca de a tentativa de assimilar o processo de alfabetização, tendo assim quarto etapa de cruciais no seu marco histórico com a alfabetização, que são elas: Metodização, a institucionalização do método analítico, a alfabetização sob medida (a disputa dos métodos misto versos analíticos); a desmetodização.

O Sistema de Metodização deu início a alfabetização, no final de 1875. A educação através das chamadas “Aulas régias”, A maneira de ensinar a leitura e a escrita era por mecanismo da cartilha do ABC considerada o mais antigo da história. Para Mortatti (2006, p.5) os métodos utilizados nessa época eram:

Para o ensino da leitura, utilizavam-se, nessa época, métodos de marcha sintética (da "parte" para o "todo"): da soletração (alfabético), partindo do nome das letras; fônico (partindo dos sons correspondentes às letras); e da silabação (emissão de sons), partindo das sílabas. Dever-se-ia, assim, iniciar o ensino da leitura com a apresentação das letras e seus nomes (método da soletração/alfabético), ou de seus sons (método fônico), ou das famílias silábicas (método da silabação), sempre de acordo com certa ordem crescente de dificuldade. Posteriormente, reunidas as letras ou os sons em sílabas, ou conhecidas as famílias silábicas, ensinava-se a ler palavras formadas com essas letras e/ou sons e/ou sílabas e, por fim, ensinavam-se frases isoladas ou agrupadas. Quanto à escrita, esta se restringia à caligrafia e ortografia, e seu ensino, à cópia, ditados e formação de frases, enfatizando-se o desenho correto das letras.

Posteriormente essa época foi dada como período de Metodização do ensino da leitura e escrita. Em aconteceu a publicação da *Cartilha Maternal ou Arte da Leitura*, escrita pelo poeta João de Deus, assim sendo reconhecido como “Método João de Deus” ou método da palavração. Essa cartilha foi empregada para o ensino da leitura e escrita no Brasil (MORTATTI,2006).

A segunda etapa foi a criação do método analítico, tinha como objetivo um novo ideal de alfabetização, baseado na pedagogia norte-americana, onde o trabalho de alfabetização tinha métodos diferentes do sintético. O método analítico tinha como enfoque na leitura ensinada como um todo, para depois distribuir em parte, decompondo esse texto em pequenos textos, em frases, em palavras e depois sílaba. (MORTATTI,2006).

A terceira etapa foi a alfabetização analítico-sintético ou vice-versa, de acordo com um novo contexto apresentado que buscar uma formação um indivíduo com mais autonomia de sua aprendizagem pautada na nova “Reforma Sampaio Dória” e os novos requisitos da época ao qual o Brasil se encontrava exigia da Educação uma nova maneira de alfabetização de seus alunos. (MORTATTI,2006).

Nessa etapa ocorreu a mais revolucionárias bases psicológicas para o ensino da leitura e escrita no Brasil. Onde as crianças eram submetidas a teste e diante esses testes era classificada e colocada em grupo relativamente parecidos, pois assim o professor trabalharia com os alunos de acordo com sua maturidade de aprendizado. Como afirma Mortatti (2006, p.9):

Bases psicológicas da alfabetização contidas no livro *Testes ABC para verificação a maturidade necessária ao aprendizado da leitura e escrita* (1934), escrito por M. B. Lourenço Filho. Nesse livro, o autor apresenta resultados de pesquisas com alunos de 1º grau (atual 1ª série do ensino fundamental) que realizou com o objetivo de buscar soluções para as dificuldades de nossas crianças no aprendizado da leitura e escrita. Propõe, então, as oito provas que compõem os testes ABC, como forma de medir o nível de maturidade necessária ao aprendizado da leitura e escrita, a fim de classificar os alfabetizados, visando à organização de classes homogêneas e à racionalização e eficácia da alfabetização.

Conforme Mortatti (2006): A questão dos métodos já não pesava mais, pois o que relativamente predominava era a psicologia desse educando, o nível de maturidade estabelecida para se aprender a ler e escrever. Assim as cartilhas eram elaboradas através dos métodos mistos ou ecléticos.

Quarta etapa Alfabetização: entra em cena a teoria do construtivismo e a desmetodização, pois já se questiona a eficácia dos métodos utilizados para alfabetizar, por causa dos resultados negativos obtidos no início de 1980. Nesse sentido o Brasil reavalia suas práticas e implementa a teoria construtivista em suas práticas pedagógicas. Utilizando as teorias de Emília Ferreiro e Ana Teberosky, que em seus estudos o foco principal é na criança que está aprendendo e como ele aprende. (MORTATTI, 2006).

### **2.3. Educação Fundamental Anos Iniciais**

O ensino Fundamental de acordo com a LDB (9395/96) deve ser obrigatório e gratuito nas redes públicas de ensino, a atender crianças a partir dos 6 anos de idade. Este dividido em duas fases: Ensino Fundamental anos iniciais do 1 ao 5º (6 a 10 anos de idade) e Ensino Fundamental anos finais do 6º ao 9º ano (11 aos 14 anos de idade). Esse ensino está dentro da Educação Básica Brasileira e tem como objetivo a formação do indivíduo.

Contudo devemos entender que o processo de alfabetização se dá nos três primeiros anos do ensino fundamental é de grande importância compreender a definição de criança e seu papel dentro da sociedade contemporânea. Devemos ter entendimento que a criança cria sua cultura através de histórias contadas para ela ou até mesmo lida por elas, para recontar história usando sua criatividade coloca um final diferente. Como afirma Kramer (2007, p. 16) “[...] Elas reconstruem das ruínas; refazem dos pedaços. Interessadas em brinquedos e bonecas, atraídas por contos de fadas, mitos, lendas, querendo aprender e criar[...]”. Portanto para essa criança, o lúdico faz parte da sua cultura e estabelece laços de afetividade para o aprendizado. Consequentemente o brincar faz parte do desenvolvimento psicológico e cognitivo da criança e faz parte da vivência infantil, sendo esse o papel social da escola. Pois é ali através do brincar de faz de conta que ela imita as realidades do seu cotidiano. Segundo o PCN de Língua Portuguesa (1997, p. 33): “Valorizar a leitura como fonte de informação, via de acesso aos mundos criados pela literatura e possibilidade de fruição estética, sendo capazes de recorrer aos materiais escritos em função de diferentes objetivos”. Fazer uso desse processo de aquisição da leitura e escrita através da realidade desse aluno, para que o mesmo possa usufruir dos conhecimentos adquiridos.

A leitura e escrita está inserida no contexto social dessa criança desde o seu nascimento, por esse motivo a criança começa a falar muito cedo, e é exposta a um mundo de letras através de placas de sinalização, logomarcas, propagandas e até livros. Pois interagem com seus familiares e meios em que ela vive, tanto oralmente como por meio da escrita. Portanto a escola deve valorizar a oralidade e a escrita da criança que chega ao ensino fundamental aumentando sua capacidade de oralidade expondo textos orais aos quais ela não teve conhecimento e que possa vim ampliar sua capacidade intelectual e linguística. Assim como os escritos fazendo com que ela criança estimule ainda mais sua capacidade de interagir. (LEAL, *et al.* 2007)

### **3. METODOLOGIA**

Este trabalho tem uma abordagem qualitativa, com estudo de documentação indireta, com pesquisa bibliográfica embasada nos estudos de Jean Piaget que aborda o Construtivismo, Emília Ferreiro e Ana Teberosky discutem sobre a Psicogênese da Língua Escrita e Magda Soares pautada na Alfabetização a questão dos métodos, Carla Aparecida Cielo sobre a consciência filológica e sua relação com a alfabetização, os quais contribuem para avanços no campo da educação e o Parâmetro Curricular Nacional (PCN) da Língua Portuguesa, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), que são os que norteiam a educação brasileira.

### **4. RESULTADOS E DISCURSSÕES**

#### **4.1. CONSTRUTIVISMO**

O construtivismo defende que indivíduo deve ter papel ativo no meio o qual está inserido, deve ser levado em conta seus conhecimentos prévios e ideias, para que ele seja construtor de seus próprios conhecimentos. Onde de acordo com Mortatti (2006, p.10):

[...] o construtivismo se apresenta, não como um método novo, mas como uma “revolução conceitual”, demandando, dentre outros aspectos, abandonarem-se as teorias e práticas tradicionais, desmetodizar-se o processo de alfabetização e se questionar a necessidade das cartilhas.

O processo de alfabetização no Brasil tem como principal teórico Jean Piaget, que fala sobre as dificuldades que há em se entender o foco central do construtivismo. Sua obra sobre Epistemologia Genética, baseia-se na inteligência e desconstrução do conhecimento, seja individual ou coletivo.

1) Fator biológico: é um fator que está relacionado ao crescimento orgânico e à maturação do sistema nervoso. 2) Fator de experiências e de exercícios: este fator é obtido na ação da criança sobre os objetos. 3) Fator de interações sociais: é um fator

que se desenvolve por meio da linguagem e da educação. 4) Fator de equilíbrio das ações: é um fator que está relacionado à questão da adaptação ao meio e/ou às situações. (Fossile, 2010, p.106)

Piaget afirma que o desenvolvimento cognitivo desse indivíduo divide-se em quatro estágios:

O primeiro estágio (sensório-motor) é o período em que os bebês têm reflexos básicos que mudam de acordo com a maturação do sistema nervoso e com a interação com o meio que os cerca. Os fatores sensório-motores contribuem para que o bebê desenvolva os primeiros esquemas de ações sem envolver representações mentais ou pensamentos. É um período em que a criança poderá elaborar esquemas de ação mais complexos, os quais poderão funcionar de base para todas as demais construções cognitivas que serão elaboradas mais tarde. No segundo período (pré-operatório), a criança inicia o desenvolvimento da sua capacidade simbólica e não depende mais só das próprias sensações e movimentos. Nesse estágio, as crianças começam a diferenciar um significante (uma imagem ou uma palavra ou um símbolo) daquilo que ele significa e os esquemas que a criança já possui contribuem para que ela possa realizar essa distinção [...] No terceiro estágio (operações concretas), a criança começa a pensar do modo mais lógico. Porém, essa maneira lógica de pensar ainda está ligada à realidade concreta. O último estágio (operatório-formal) traz em evidência não mais uma criança e, sim, um adolescente, que se liberta das limitações da realidade concreta e passa a pensar e a trabalhar com uma realidade possível, por meio de um raciocínio hipotético-dedutivo (FOSSILE, 2010, p. 108-109).

A concepção Piagetiana é uma das teorias de aprendizagem mais estudadas atualmente, onde o intuito é fazer com que haja interação entre as crianças, para que assim venha ocorrer troca de informações, vivências e ideias, onde naturalmente o indivíduo deve construir seu conhecimento tanto de modo individual como coletivo, assim tanto pode receber como pode transferir saberes, pois cada indivíduo tem seu próprio ponto de vista de uma determinada situação, de modo à descobrir respostas até mesmo para questionamentos ainda não haviam sido realizados. (FOSSILE, 2010)

Como afirma Fossile (2010, p.110) “o processo ensino aprendizagem é um processo social em que o conhecimento é resultado da construção pessoal do aluno. E é importante perceber que o professor é um mediador importante nessa construção”. Nesse contexto o professor apresenta-se como um viabilizador e direcionador de ideias, de modo que o aluno se sinta construtor de seu aprendizado tanto quanto, o professor que lhe guiou ao ápice de seu objetivo. Os aprendizados construídos ao longo da vida de uma criança, são os alicerces que fundamentam suas condutas, como seres pensantes, criativos decididos e capazes de criar e tomar suas próprias decisões, sejam elas ações individuais e coletivas.

Portanto a teoria construtivista tem como objetivo nortear o corpo docente quanto a aprendizagem do educando, que não é vista como o resultado obtido pelo desenvolvimento desse indivíduo, mais sim, o próprio desenvolvimento. O professor deve criar situações-problemas para que o educando possa se sentir desafiado e tentar achar soluções para determinadas

situações, e assim, ter uma aprendizagem significativa. Raciocínio abstrato, pois nesse raciocínio o educando passa a imaginar situações e discutir acerca delas, elaborando respostas e trazendo para sua realidade. E o estímulo do pensamento, pois esse é significativo para o contexto em sala de aula, já que é nesse local que o aluno deve apropriar de uma reflexão crítica sobre os conhecimentos abordados. (FOSSILE, 2010)

#### **4.2. AQUISIÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA ATRAVÉS DA PSICOGÊNESE**

Quando se fala em psicogênese da língua escrita é impossível não falar das contribuições de Emília Ferreiro e Ana Teberosky, pois seus estudos foram de grande contribuição para o processo de aquisição da língua escrita com seus estudos baseadas na teoria da Psicogenética de Jean Piaget, elas afirmam que a criança cria hipótese para o processo de aprendizagem da língua escrita. A primeira hipótese das crianças é a Pré-silábica que são através dos desenhos ou garatujas, onde ali está uma representação gráfica de forma clara, ela desenha exatamente o objeto que deseja se comunicar. Como afirma Ferreiro e Teberosky (1985, p. 73): “O desenho pode ser interpretado, o texto serve para ler o que o desenho representa. Neste caso, como em muitos outros, a expectativa é a de que o texto corresponda ao desenho, o objeto representado em um também o está no outro”. Sendo assim o desenho e a forma clara para a criança eu desenho o que eu imagino, criando assim uma imagem para cada coisa. E nessa mesma hipótese, a criança começa a compreender que a escrita é formada por símbolos gráficos e que esses símbolos não representam a realidade. Então nesse momento a criança começa a perceber que existem outras formas gráficas e que elas têm um significado, e nessa fase que a criança começa a perceber a letra para utilização da escrita do que ela quer identificar. Ela ainda não conhece os significados de cada símbolo mais utiliza-os de forma aleatórias.

A segunda hipótese é a Silábica onde a criança já compreende que a escrita da nossa língua portuguesa é formada por símbolos gráficos e que estes têm um som, ao qual a menor unidade sonora é a sílaba. Para Ferreiro e Teberosky (1985), essa é uma das primeiras iniciativas que a criança associa a escrita com o som da fala. Nessa hipótese as crianças passam a dar uma letra para cada sílaba, e não necessariamente seja a letra correta da palavra que ela queira escrever.

A terceira hipótese é a Silábico –Alfabética a criança representa numa mesma palavra ela representa a sílaba através de uma letra outra representa a sílaba através do fonema.

E a quarta e última hipótese é a Alfabética onde a criança percebe que existe um som para cada letra e assim ela já consegue escrever toda a palavra sem omitir nenhuma. Entretanto a criança



nessa fase irá perceber que adiante ela irá encontrar uma única letra que terá sons diferentes e que em algumas situações ela precisará memorizar palavras, assim ela precisará correlacionar a escrita com a ortografia.

Compreender essas fases é essencial para que o professor alfabetizador entenda qual fase seus alunos estejam e como ele pode trabalhar para que seus alunos saiam de uma hipótese para a outra e assim construindo a sua aquisição da leitura e escrita.

### **4.3. CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA**

Consciência fonológica vem a ser, como estruturamos internamente as palavras como são formadas para depois faladas, ou como são organizadas. Ou seja, capacidade de articulação entre os sistemas sonoros da língua falada. Devendo assim, ter manipulação dos sons que se fala. Portanto para Cielo (2011): devemos direcionar atenção para o código linguístico, o que vai além da automaticidade dos processos de produção e compreensão linguística, envolve o uso de processos metalinguísticos. Portanto é necessário que o aluno compreenda a palavra, a sílaba e o fonema.

Deve ocorrer uma reflexão acerca da expressão linguística, possibilitando a compreensão de sua estruturação para uma comunicação eficiente. Assim, será facilitado o entendimento de jogos de linguagem e aspectos linguísticos formais, por mais discreto que sejam, dando assim uma significação a esse processo. Portanto segundo Cielo (2001, p. 7):

A habilidade linguística especial, designada como consciência linguística, permite refletir sobre a língua, tratá-la como objeto de análise e observação, focalizar a atenção nas suas formas, concentrar-se na expressão linguística, dissociando-a do conteúdo linguístico [...].

Sendo assim, é necessário que o professor consiga compreender que o processo de consciência fonológica e de tamanha importância para a utilização da língua como objeto de estudo levando o aluno a compreensão deste no processo de aquisição da leitura e escrita. De acordo com Brasil (2019, p.89-90):

[...] é preciso que os estudantes conheçam o alfabeto e a mecânica da escrita/leitura – processos que visam a que alguém (se) torne alfabetizado, ou seja, consiga “codificar e decodificar” os sons da língua (fonemas) em material gráfico (grafemas ou letras), o que envolve o desenvolvimento de uma consciência fonológica (dos fonemas do português do Brasil e de sua organização em segmentos sonoros maiores como sílabas e palavras) e o conhecimento do alfabeto do português do Brasil em seus vários formatos (letras imprensa e cursiva, maiúsculas e minúsculas), além do estabelecimento de relações grafofônicas entre esses dois sistemas de materialização da língua.

Portanto, o processo de construção do conhecimento recado ao indivíduo não só o entendimento do que se fala ou escreve. Mas sim, uma profunda reflexão acerca do que se deseja transmitir. Assim, o indivíduo terá amplas possibilidades de relação e interação, desenvolvendo suas habilidades em quaisquer que sejam os ambientes fazendo o uso da fala ou da escrita. A BNCC vem ressaltar ainda mais a importância da consciência fonológica no mecanismo da alfabetização dos anos do ensino fundamental, levando em consideração de toda a formação da compreensão do processo linguístico tanto na escrita como na fala.

## 5. CONCLUSÕES

O presente trabalho nos resalta a importância de conhecer a história pela qual percorremos para chegar ao ponto que estamos, pois através do contexto histórico que traçamos até aqui, foi possível perceber que o Brasil sempre procurou um método ao qual viesse alcançar um maior índice de alfabetização. Assim, o processo de alfabetização passou por quatro etapas primordiais que são: Metodização, método analítico, a alfabetização sob medida (a disputa dos métodos mistos versus analíticos); a desmetodização. Sendo esses capazes de atingir as demandas sociais de sua época.

Porém a Teoria do construtivismo chegou ao Brasil com a tentativa de dá mais ênfase no aluno, pois e ele passar a interagido com o meio e através deste fazer construção de seus conhecimentos. Assim, essa teoria tem o objetivo nortear o corpo docente quanto a aprendizagem do educando, que não é vista como o resultado obtido pelo desenvolvimento desse indivíduo, mais sim, o próprio desenvolvimento. Com a teoria do construtivismo dentro das concepções pedagógicas no Ensino Brasileiro, passar a refletir sobre como alfabetizar seus alunos. Assim, os estudos voltados na teoria da psicogênese vêm mostrando que a criança aprende através de hipóteses e que cabe ao professor criar estratégias que possa possibilitar seus alunos a criar hipótese e avançar, assim adquirir seu conhecimento sobre o processo linguístico. Contudo o foco da aprendizagem da leitura e escrita passar a ser o aluno, como ele aprende e como o professor deve fazer para que esse aluno aprenda.

Através da consciência fonológica é adquirido capacidade de articulação entre os sistemas sonoros da língua falada. Assim o aluno tem uma reflexão sobre o que ele fala e escreve e do que deseja transmitir. Assim, ao trabalhar a consciência fonológica da criança, sua relação, interação e suas habilidades vão se desenvolvendo, pois utiliza da fala e da escrita fazendo associações das mesmas.

Portanto o professor não deve utiliza-se de um único método, mais do método que seja adequando levando sempre em consideração as especificidades de cada aluno e seus contextos social. Para uma aprendizagem de modo que respeito o processo de desenvolvimento do aluno e que esse por sua vez adquira esse conhecimento e que seja realmente de uma significância.

Contudo é necessário que o professor crie mecanismo para que esse aluno consiga compreender a importância desse processo de alfabetização e letramento através de uma consciência fonológica que seja capaz de fazer utilização dessa nova aprendizagem como uma ferramenta de ação social. Pois a aprendizagem da leitura e da escrita só será significativa se o indivíduo conseguir apropriar-se desse conhecimento e aplica-lo em seu cotidiano, assim dominando toda a forma da língua tanto oral como escrita.

## 6. REFERÊNCIAS

ARAÚJO, M. C. de C. S. **Perspectiva histórica da alfabetização**. Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, 1996.

BRASIL. Lei nº 9394/96. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional** de 20 de dezembro de 1996.

\_\_\_\_\_. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1997.

\_\_\_\_\_. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2019.

CIELO, C.A. **Habilidades em consciência fonológica em crianças de 4 a 8 anos de idade**. Porto Alegre: PUCRS, 2001.

FOSSILE, Dieysa K. Revista ALPHA. **Construtivismo versus sócio interacionismo: uma introdução às teorias cognitivas** Patos de Minas: UNIPAM, (11): 105-117, ago. 2010.

KRAMER, Sônia. **A infância e sua singularidade**. In: BEAUCHAMP, Jeanete; PAGEL, Sandra. D.; NASCIMENTO, Aricélia. R. do. **Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Estação Gráfica, 2007. 2ªed. p. 13-23.

LEAL, Telma Ferraz. ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. MORAIS, Artur Gomes de. **Avaliação e aprendizagem na escola: a prática pedagógica como eixo da reflexão**. In: BEAUCHAMP, Jeanete; PAGEL, Sandra. D.; NASCIMENTO, Aricélia. R. do. **Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Estação Gráfica, 2007. 2ªed. p. 97-108.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do Trabalho Científico:** procedimentos básicos, pesquisas bibliográficas, projetos e relatórios, publicações e trabalhos científicos. 7. ed. São Paulo, Atlas, 2008.

MORTATTI, M. D. R. L. **HISTÓRIA DOS MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL.** Alfabetização e letramento em debate. Brasília: Portal MEC. 2006. p. 1-16.

MORTATTI, M. R. L. (Org.). Alfabetização do Brasil: uma história de sua história. São Paulo: Ed. Cultura Acadêmica, 2011. 312 p.

SOARES, Magda, **Letramento e alfabetização: as muitas facetas\***, 2003. Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita.